

Página Inicial

Agenda de Eventos

Especial - Acordo Ortográfico

Artigos e Ensaios

Artigos de IC

Blog

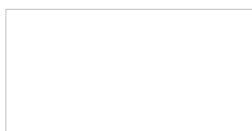
Resenhas

Textos Literários

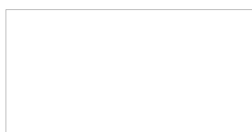
Edições Anteriores



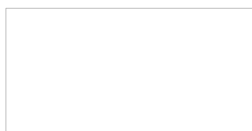
Veja também



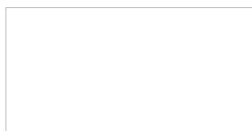
Biblioteca Digital Mundial



Blog do Co-editor Joel Sossai Coleti



Ceditec



Comunidade dos Países
de Língua Portuguesa



Dicionário de Termos Lingüísticos

LINGÜÍSTICA E GLOBALIZAÇÃO: AINDA RESTAM LÍNGUAS?

Por Lucas Nascimento

PPG Lingüística/UFSCar/Mestrado (CAPES)

Pesquisador do Laboratório de Estudos do Discurso/LABOR (CNPq)

Língua

Caetano Veloso

[1984]

Gosto de sentir a minha língua roçar a
língua de Luís de Camões
Gosto de ser e de estar
E quero me dedicar a criar confusões
de prosódia
E uma profusão de paródias
Que encurtem dores
E furtem cores como camaleões
Gosto do Pessoa na pessoa
Da rosa no Rosa
E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a
amizade
E quem há de negar que esta lhe é
superior?
E deixe os Portugais morrerem à
míngua
Minha pátria é minha língua
Fala Mangueira! Fala!

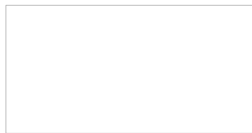
Flor do Lácio Sambódromo Lusamérica
latim em pó
O que quer
O que pode esta língua?
[...]

Começo com a letra de Caetano Veloso para pensar o que estamos fazendo com as línguas. *O que quer, O que pode esta língua?* Este texto, que ora apresento, traz a frase do cantor como ilustre interrogação ao passo de pensarmos, por exemplo, na conferência *A global effort to address the intellectual impoverishment of language extinction*, de David Harrison.

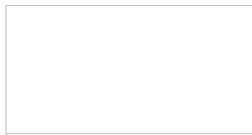
Pensar em globalização é pensar ao mesmo tempo em escassez e em abundância intelectual levando em foco a lingüística. Na atualidade, tendências global e local de extinção de línguas perpassam à humanidade. Só de pensar que 7 mil línguas no mundo



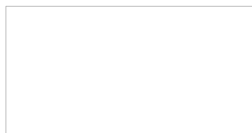
Domínio Público



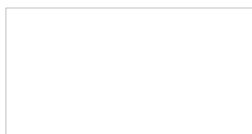
GEScom



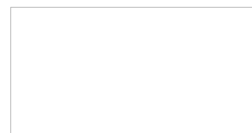
GETerm



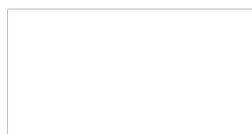
iLteC



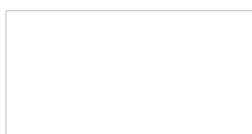
Institut Ferdinand de Saussure



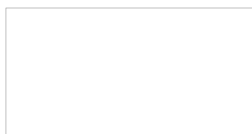
Portal de Periódicos Capes



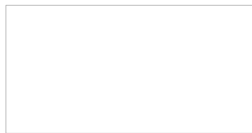
Portal de Revistas Científicas Persee



Revue Texto!



Texto livre



TRIANGLE



UEHPOSOL

representam o maior repositório de conhecimento humano já reunido e que estão rapidamente morrendo e desgastando-se por causa da pressão da globalização, entendese que a humanidade passa por crise.

Segundo Harrison, essa perda catastrófica representa para a humanidade tanto em termos de ciência, quanto de tecnologia e de cultura. Seu trabalho, em desenvolvimento, atualmente, traça tendências globais de extinção de línguas. Alguns pontos são considerados, como: 1) a ideia da distribuição desigual no planeta; 2) as diferenças na linguagem são vastas; 3) não apenas o uso de sons diferentes diz as mesmas coisas; 4) os completos universos conceituais de pensamento; 5) cada idioma tem infinitas possibilidades expressivas, infinitas possibilidades de combinação; e, por fim 6) uma gramática própria e uma forma como pode organizar informações e conceitos.

Diante disso, o linguista tem pensado a ameaça em que a "Base do Conhecimento Humano" vem a sofrer. Nessa ameaça, as línguas são as vítimas da morte. Duas são as perspectivas: uma global, vista pelos cientistas; e outra local, vista pela população.

Com a diversidade linguística existente, a população tem sofrido empobrecimento com a extinção. Talvez a era digital seja um motivo da problemática, por imaginar e fantasiar uma língua dominante e padrão, como é o caso da língua inglesa. Mas "o que quer, o que pode esta língua?" Para essa questão, o autor aponta o que é preciso ser feito para evitar o quadro agravante: é preciso documentar do ponto de vista científico as línguas ainda não documentadas... Nesse aspecto, a era digital poderia beneficiar mais a humanidade e causar menos danos. Se muitas línguas, as não documentadas, morrerem não teremos recordes delas. Para Harrison, seus estudos demonstram que cerca de 3.586 línguas estão em risco e serão potencialmente extintas. As línguas estão muito mais em risco do que espécies. Elas estão sendo extintas em uma razão muito mais rápida. Estima-se que se perde uma língua em a cada duas semanas. As consequências são lastimáveis pensando que 80% das línguas ainda não foram gravadas ou documentadas. Para o autor, não sabemos, então, o que estamos perdendo.

Uma das falantes de N/u, Hanna Koper relatou em seu depoimento a seguinte situação:

Everyone used to get together and speak the language. We gathered, we discussed issues, we laughed in N/u. I hear them speaking to me in my dreams sometimes and they're speaking in N/u. And I say to them in N/u, "Hey, keep quiet! I'm sleeping" (In: <http://poptech.org/lldd/>).

Outra situação, na Bolívia, por exemplo, os falantes de Kallawayá. Menos de 100 pessoas falam essa língua. Eles conhecem os usos e propósitos medicinais de milhares de plantas com as quais eles fazem experiências. São farmacologistas especializados. Inventaram sua língua como uma língua secreta para codificar o conhecimento farmacológico.

No Alaska, os Yupik possuem 99 termos para descrever formações diferentes de gelo marítimo, uma tecnologia que os ajuda na caça e na sobrevivência em um dos ambientes mais inóspitos. A sua contribuição é para detectar sinais das mudanças climáticas e aquecimento global, se essa cultura conseguir sobreviver.

Nas Ilhas de Salomão, Marovo é uma língua formada por pessoas que dominam o saber sobre a pesca. Sabem mais o comportamento ecológico do peixe em seu habitat do que o que sabem os biólogos marinhos.

Com esses exemplos, o lingüista Harrison afirma haver "risco triplo de extinção", uma vez que essas línguas, como tantas outras, são conhecidas só de forma oral. Por isso, a ele, as espécies e ecossistemas, as pequenas línguas e os sistemas de conhecimentos estão profundamente interligados.

Marta Kongarayeva, que é falante da língua Tofa, um dia disse: "Em breve estarei colhendo frutas e quando eu for levarei minha língua comigo". Então, para o linguista, o ponto de vista de Marta é muito pessoal e reflete de fato o fim para essa linguagem. O povo de Marta é caçador e pastor de renas que vivem no meio da Sibéria, incrivelmente remoto. Um lugar tão remoto que você só chega lá, durante certas estações do ano, de helicóptero.

Diante deste exemplo, pergunta-se: o que eles estarão perdendo se a língua for

extinta? O pesquisador aponta: 1) o mito da criação que envolvia o mundo saindo de um ovo de pato já foi esquecido; 2) eles tinham um calendário lunar que conectava com muita precisão as estações do ano, eventos astronômicos e ciclos de plantas e animais. Era mais preciso que nosso calendário solar e não precisava ser redefinido a cada 4 anos com o ano bissexto. Eles o perderam.

Por exemplo, a palavra “ederre” na língua deles significa uma rena de 4 anos, do sexo masculino, não castrada, domesticada e que pode ser montada. Eu até posso expressar o conceito em inglês, diz Harrison, mas eles não... Por quê? Porque a língua não é a deles. Então, as línguas são o produto de um milênio de observações refinadas e sofisticadas e sendo organizadas as informações em hierarquias e taxonomias. Parece simples, mas se pensarmos que há um milhão de opções no *google* e mesmo assim nos frustramos com o resultado, entenderemos o valor da informação estruturada, da indexação social, afirma Harrison.

O preocupante é a tendência de pessoas mudarem para falarem línguas globais.

Trabalhando com a *National Geographic Society* e – construindo essa metáfora biológica de biodiversidade ameaçada, o lingüista cunhou o termo “zonas de línguas em risco”. Assim três aspectos são necessários para identificar: 1) onde há os maiores níveis de diversidade linguística e qualidade de línguas/famílias (nível profundo de diversidade)? 2) onde estão os maiores níveis de línguas em risco do mundo? 3) onde estão os maiores baixos níveis de conhecimento científico e documentação dessas línguas? Portanto, onde temos a convergência de 3 fatores – grande diversidade, alto risco, baixo conhecimento científico?

Tomemos o caso da Bolívia, novamente, em que há menos de 9 milhões de pessoas e tem três vezes a diversidade linguística da Europa inteira. Por exemplo: Oklahoma é uma zona de língua em risco.

Dessa forma, podemos concluir com uma vinheta do esquecimento cultural e erosão da Base do Conhecimento Humano: o que podemos salvar do que restou? Ou, *o que quer, o que pode* [ainda] a língua inglesa? Você tem alguma ideia?

[...]

Se você tem uma idéia incrível é melhor fazer uma canção

Está provado que só é possível filosofar em alemão

Blitz quer dizer corisco

Hollywood quer dizer Azevedo

E o Recôncavo, e o Recôncavo, e o Recôncavo meu medo

A língua é minha pátria

E eu não tenho pátria, tenho mátria

E quero frátria

Poesia concreta, prosa caótica

Ótica futura

Samba-*rap*, *chic-left* com banana

(– Será que ele está no Pão de Açúcar?

– Tá craude brô

– Você e tu

– Lhe amo

– Qué queu te faço, nego?

– Bote ligeiro!

– Ma’de brinquinho, Ricardo!? Teu tio vai ficar desesperado!

– Ó Tavinho, põe camisola pra dentro, assim mais pareces um espantalho!

– I like to spend some time in Mozambique

– Arigatô, arigatô!

Nós canto-falamos como quem inveja negros

Que sofrem horrores no Gueto do Harlem

Livros, discos, vídeos à mancheia

E deixa que digam, que pensem, que falem.

Referências Bibliográficas:

KOPER, Hanna. Speaker of N/u. In: HARRISON, David. [2008]. *A global effort to address the intellectual impoverishment of language extinction*. **Pop!Tech: Scarcity and**

Abundance. In: <http://poptech.org/lldd/>. Acesso em 30 de abril de 2009.

HARRISON, David. [2008]. *A global effort to address the intellectual impoverishment of language extinction*. **Pop!Tech: Scarcity and Abundance** . In: <http://poptech.org/lldd/>.

Acesso em 30 de abril de 2009.

VELOSO, Caetano. [1984]. **Língua**. In: www.caetanoveloso.com.br. Acesso em 30 de abril de 2009.

Recebido em 25/06/2010.

Aceito em 30/07/2010.

Todos os textos publicados podem ser livremente reproduzidos, desde que sem fins lucrativos, em sua versão integral e com a correta menção ao nome do autor e ao endereço deste site.

Siga a @linguasagem no Twitter

o que é isso?